

Do medo do Outro ao uniforme de heroína: afirmações da identidade muçulmana em *Ms Marvel* (2014)

Laís Coutinho Roxo¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar as questões que envolvem a discriminação de muçulmanos na sociedade, conhecido como islamofobia (CESARI, 2011), como uma forma de representação do Outro monstruoso (COHEN, 2000) que habita o imaginário social. Esse monstro foi alimentado por anos com representações midiáticas que associavam os indivíduos muçulmanos com terrorismo e violência (JAWAD, 2010) e começa seu processo de mudança e representatividade com a personagem Kamala Khan, a primeira super-heroína muçulmana estadunidense a ganhar um título próprio e ser um sucesso de público. Investiga-se nesse artigo os processos de identificação entre a realidade e a ficção, bem como as rejeições as identidades muçulmanas por meio da sociedade e como a personagem foi capaz de utilizar essas questões como formas de identificação gerando uma simpatia do público geral, e não apenas de jovens muçulmanos.

Palavras-chave: Representatividade; História em Quadrinhos; *Ms Marvel*; Monstro; Islamofobia.

From the fear of the Other to the heroine uniform: affirmations of muslim identity in *Ms Marvel* (2014)

Abstract: This article aims to present the issues surrounding the discrimination of Muslims in society, known as Islamophobia (CESARI, 2011), as a form of representation of the monstrous Other (COHEN, 2000) that inhabits the social imaginary. This monster was fed for years with media representations that associated Muslim individuals with terrorism and violence (JAWAD, 2010) and begins its process of change and representation with the character Kamala Khan, the first United States Muslim superhero to earn a title of her own and be a blockbuster. This article investigates the processes of identification between reality and fiction, as well as the rejection of Muslim identities through society and how the character was able to use these issues as forms of identification generating sympathy from the general public, and not only young Muslims.

Keywords: Representativeness; Comics; *Ms Marvel*; Monster; Islamophobia.

Introdução

Uma das cenas mais emblemáticas do século XXI aconteceu na manhã de 11 de setembro de 2001. Conhecido mundialmente pela sua data, o ataque terrorista ao *World Trade Center*, também conhecido como o ataque às Torres Gêmeas, foi o maior no território americano desde o

¹ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutoranda de Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e bolsista CAPES/UERJ. E-mail: roxolais@gmail.com.

bombardeio japonês à base naval americana de *Pearl Harbor* (BBC, 2021). Esse início de século marcou sentimentos que acompanharam o mundo por muito tempo, principalmente no que diz respeito a como era visto o povo muçulmano. No ano 2000 eram contabilizados 28 incidentes com motivação contra seguidores do islã, em 2001 esse número saltou para 481 (FBI, 2021). Nunca mais esse número chegou próximo dos casos anteriores ao ataque, na última divulgação de dados da Polícia Federal Americana, o FBI, em 2019 foram 219 incidentes.

Porém esse horror a um povo com costumes diferentes dos ocidentais tem um início muito anterior ao 11 de setembro. Desde a peste negra existem registros de cristãos que massacraram povos muçulmanos (DELUMEAU, 1923, p.207). Nos séculos XI e XII, podemos encontrar poemas da literatura francesa medieval que celebravam as cruzadas e transformavam “os muçulmanos em criaturas demoníacas, cuja ameaçadora falta de humanidade podia ser lida a partir de seus bestiais atributos” (COHEN, 2000, p 33).

Mais de uma década depois do ataque terrorista às Torres Gêmeas, a discriminação contra os povos que seguiam o islã já era uma pauta debatida e amplamente dialogada, se intensificando com a vitória de Donald Trump na eleição para a presidência dos Estados Unidos, em 2017, que trazia uma forte política anti-imigração e anti-islã. Parte da insatisfação dos eleitores de Trump vinha do crescimento da população muçulmana no país, que em 2007 eram 2,35 milhões e em 2017 já estavam em 3,45 milhões (PEW RESEARCH CENTER, 2021). Esse crescimento se deu muito pela imigração e pelo fato de essas famílias costumarem ter mais filhos do que a média – sobretudo por motivos ligados à religião.

As mitologias errôneas que permeiam a existência de povos do oriente médio ainda fazem parte do dia a dia de muitos muçulmanos em solos estadunidenses, sejam eles imigrantes ou nascidos nos Estados Unidos (conhecidos como muçulmanos americanos). Em 2017, quase metade desses muçulmanos americanos (48%) afirmaram ter presenciado algum tipo de discriminação em razão de sua religião ou origem (PEW RESEARCH CENTER, 2021).

Grande parte dessa hostilidade aos muçulmanos vem da caricatura que é apresentada pelos veículos de comunicação ao representarem esses indivíduos. Em filmes, desenhos animados, charges e outras formas de representar, os muçulmanos são sempre vilões ou organizações malignas e violentas (JAWAD, 2010). Uma das formas de inserir o diálogo e trazer uma visão mais humanizada da situação dos muçulmanos foi o acréscimo desse debate nas histórias em quadrinhos. Sendo uma mídia conhecida por atrair o público infanto juvenil e aproveitando o sucesso que os heróis estavam fazendo nos cinemas, em 2014, Kamala Khan foi criada. A protagonista é uma adolescente de 16 anos, filha de imigrantes paquistaneses, nascida em New Jersey, e que vive um dilema entre suas tradições e a vontade de fazer tudo o que seus colegas estadunidenses fazem,

embora seus costumes tradicionais a direcionem para ações totalmente contrárias. Todo esse contexto já é apresentado ao leitor antes mesmo da personagem adquirir superpoderes e esse contato imediato com essas questões dos muçulmanos americanos tem uma explicação muito particular: suas criadoras. Sana Amanat, editora e co-criadora e G. Willow Wilson, roteirista, dividem traços inconfundíveis no desenvolvimento da personagem. Amanat nasceu e foi criada em *New Jersey*, onde morou com seus pais e irmão que eram imigrantes paquistaneses. Wilson, apesar de não ter ligação de parentesco com muçulmanos e ter nascido na mesma cidade que Amanat, se converteu ao islamismo² durante a faculdade e, atualmente, além de autora de histórias em quadrinhos, também atua como historiadora especializada em literatura árabe.

Essas aproximações entre realidade e ficção são essenciais no resultado, e não somente no que diz respeito à narrativa. Contribuiu também para um processo de identificação que envolve conceitos mais gerais da vida de todo adolescente, como a necessidade de se encaixar em padrões e a busca por sua individualidade, além de conceitos mais específicos como as questões sociais que envolvem muçulmanos e como são vistas suas tradições perante o mundo ocidental. O objetivo desse artigo é debater sobre a mitologia monstruosa criada em torno dos costumes muçulmanos no ocidente, ressaltando a forma como uma personagem de história em quadrinho conseguiu utilizar essas temáticas para levar diálogos sobre medo, tradição e coragem – almejando gerar identificação e conexão com os leitores, não somente muçulmanos, mas, sobretudo, através de uma empatia e humanização desses cidadãos.

O medo do Outro

Como abordado anteriormente, a associação entre cultura do oriente médio e ameaças diabólicas e inumanas não é algo recente. A elite católica e os missionários da época da Renascença concordavam com a tese de padre José de Acosta que dizia que desde a chegada de Cristo e a verdadeira religião do Velho Mundo, “Satã refugiou-se nas Índias, da qual fez seus baluartes” (DELUMEU, 1923, p.386) e comandava toda a região como mestre supremo até a chegada dos colonizadores espanhóis. O que Acosta se referia como Índias, era o termo comum europeu para designar a Ásia Meridional — Afeganistão, Bangladesh, Butão, Índia, Maldivas, Nepal, Paquistão e Sri Lanka — e o Sueste asiático — Birmânia, Brunei, Camboja, Filipinas, Laos, Malásia, Singapura, Tailândia, Timor-Leste, Vietnã e Indonésia — (Dicionário Oxford, 2003).

Cohen (2000) propõe compreender as culturas por meio dos monstros que elas produzem. Através dessa perspectiva, o nascimento desse monstro se baseia em metáforas, ou seja, uma

² “*Beneath the veil*”. Disponível em:

http://archive.boston.com/bostonglobe/ideas/articles/2010/06/20/beneath_the_veil/. Acesso em: 15 nov. 2021.

maneira de corporificar um determinado momento cultural, ou como nos interessa aqui, um povo. Esse monstro também escapa de qualquer classificação ou quesito de “normalidade”. Os próprios rituais e costumes do povo muçulmano são demonizados pelo simples fato de não serem comportamentos ou rituais classificados como cristãos. Essa diferença é o que Cohen (2000) chama de Outro. Ele está como uma corporificação do que há para além, para fora, como o terceiro termo. Essa alteridade constrói o corpo monstruoso que se organiza como cultural e político. A existência desse monstro o coloca como vilão, na ordem dos homens. O fato de ele existir e ser repugnante justifica seu extermínio, tornando essa ação assim um ato heroico e justo.

O monstro é a diferença feita carne; ele mora no nosso meio. Em sua função como Outro dialético ou suplemento que funciona como terceiro termo, o monstro é uma incorporação do Fora, do Além — de todos aqueles loci que são retoricamente colocados como distantes e distintos, mas que se originam no Dentro. Qualquer tipo de alteridade pode ser inscrito através (construído através) do corpo monstruoso, mas, em sua maior parte, a diferença monstruosa tende a ser cultural, política, racial, econômica, sexual. (COHEN, 2000, p.32).

Essa negação do Outro muçulmano se transforma em discriminação e ódio, que denominamos de islamofobia. O termo ainda gera diferentes origens no âmbito acadêmico. Cesari (2011) identifica que ele foi cunhado na metade do século XX após debates sobre as discriminações que os muçulmanos sofriam da Europa Ocidental, e se tornou popular em 1990 com o uso amplo por ativistas. Meldelski (2020) defende que a islamofobia engloba todas as práticas e discursos discriminatórios contra muçulmanos e que está presente tanto nas esferas governamentais quanto sociais. O fato do indivíduo ser um originário ou descendente muçulmano pouco importa nesse momento, as práticas islamofóbicas podem acontecer da mesma forma.

Os discursos e práticas islamofóbicas estão presentes tanto no nível governamental quanto no societal. Retoricamente, na instância pública, a islamofobia pode ser notada em declarações, discursos e pronunciamentos de representantes públicos; em âmbito social, ela acontece por meio de manifestações, ataques verbais e atitudes preconceituosas, entre outros posicionamentos contra muçulmanos e/ou Islã ou discursos de ódio. Em sua competência prática, a islamofobia empreendida por entes públicos pode ser constatada em legislações que restrinjam ou retirem direitos dos islâmicos, e em comportamentos discriminatórios executados por funcionários públicos diretamente contra membros desta fé. Na sociedade civil, o fenômeno adquire a forma de insultos, agressões físicas, ou ataques contra mesquitas, centros islâmicos ou propriedades de muçulmanos (MELDESKI, 2020, p.17).

As próprias produções midiáticas, muitas vezes, reforçam na modernidade a representação do islamismo e todo seu universo com violência, fanatismo religioso e terrorismo. Uma mistura perfeita para criar um vilão ideal, cego por uma religião pouco conhecida no ocidente e amplamente odiada por séculos. Quando falamos sobre essas produções que representam muçulmanos, estamos em um território de predominância das produções norte americanas. Em uma cultura com grande ênfase na capacidade visual, o regime de visualidade – e, portanto, de representação – se torna um

elemento determinante. O ocidente compreende corpos e a partir do que enxerga, determina capacidades ou limitações desse corpo baseado em entendimentos de grupos sociais dos quais associa que esse corpo faz parte. Usaremos aqui o conceito de corpo que Oyěwùmí (2021) utiliza “para chamar a atenção para a fisicalidade pura que parece estar presente na cultura ocidental” (p.27) de forma que se refere “tanto ao corpo físico como às metáforas do corpo.” (p.27). Logo, corpos muçulmanos podem ser lidos como perigosos, potencialmente ameaçadores se levarmos em conta essa representação e compreensão ocidental. Essas práticas justificam receios do próprio povo muçulmano a ações que possam configurar um entendimento de “ameaça”.

Se mostra importante nesse momento sinalizar o contexto prévio que a personagem de Miss Marvel se insere. A primeira personagem a usar o esse nome foi Carol Danvers em 1977, em seu primeiro título, uma mulher branca, magra e loira. Trabalhava como colunista em um jornal e utilizava como seu uniforme de super-heroína um maiô de manga comprida com um corte em triângulo na barriga, deixando toda essa área exposta. A parte de cima do uniforme era majoritariamente vermelho, com detalhes em preto e uma estrela em amarelo no peito, já a parte de baixo era totalmente na cor preta. Carol apesar de ser a heroína, não tinha conhecimento desse fato no início da sua narrativa. Ela parecia sofrer de uma amnésia que fazia com que sua mente se separasse em duas personalidades: a jornalista que busca descobrir quem é a nova heroína e Miss Marvel, uma humana com partes do DNA de uma raça alienígena chamada Kree, justificando seus poderes. Com um roteiro confuso que não despertou interesse dos leitores, o título de Miss Marvel foi descontinuado 1979, deixando a personagem solta para aparições ocasionais em outros momentos. Carol Danvers retorna com seu título em 2012, agora com o nome de Capitã Marvel, piloto da Força Aérea Americana com superpoderes, sem muita história de origem de como conseguiu tais poderes, quase que como uma continuidade de narrativa geral, visto que ela não era uma personagem nova no universo dos quadrinhos naquele momento. A disparidade entre os dois momentos da personagem é nítida. Enquanto em 1977 Miss Marvel é simpática, inocente e sensual, sua versão de 2012 como Capitã Marvel é centrada, determinada e disposta a sacrificar o que for necessário por um bem maior. Sua característica mais madura é a mais utilizada nos produtos audiovisuais do universo cinematográfico Marvel³, apresentando uma personagem obstinada e sem a necessidade de ser sorridente e agradável o tempo todo apenas por ser mulher. Com sua personalidade psicológica mais elaborada e seu novo nome de heroína, “Miss Marvel” então tornou-

³ Franquia de mídia americana e um universo compartilhado centrado em uma série de filmes de super-heróis, produzida independentemente pela *Marvel Studios* e baseada em personagens que aparecem nas revistas em quadrinhos americanas publicadas pela *Marvel Comics*.

se vago, sendo posteriormente utilizado por Kamala, como homenagem a sua heroína favorita, normalmente sendo escrito por sua abreviação Ms Marvel.

A primeira Miss Marvel oscila entre a leveza e inocência quando em posse de seus poderes, e a dúvida e profissionalismo enquanto Carol Danvers. Porém a narrativa se torna fraca e previsível com a falta de embasamento. Sua história de origem não é bem explicada e não é algo que incomode a própria, visto que está sofrendo de um tipo de amnésia seletiva. Apesar de forte ela aparenta uma certa futilidade sobre seu papel de heroína, não há nenhuma menção a suas responsabilidades ou deveres como tais. [...] Na sua volta em 2012 temos uma personagem melhor construída psicologicamente. Seu uniforme já é antes de tudo a primeira impressão de uma heroína mais capacitada, para bem além de uma mulher de maiô. Mas de acordo com o passar da história muitos enquadramentos dão destaque a poses hiper sexualizadas, posições pouco prováveis para situações e comportamentos impossíveis para materiais como o collant. Técnicas artísticas para destacar partes do corpo da mulher. Sua história, porém, se mantém bem mais trabalhada. Ela sabe quem é, o que quer, o que precisa sacrificar para conseguir. Não há diferença de personalidade entre Carol Danvers e Capitã Marvel, e isso é uma constante nessa narrativa. (ROXO, 2018, p.67)

Na história, Kamala Khan desenvolve seus superpoderes após tomar um tiro em uma perseguição e buscar ajuda de seu melhor amigo para se esconder. Sendo a primeira pessoa a descobrir o segredo da personagem, ele a orienta a ir a um hospital. Em seguida, a protagonista responde: “Tenho que me esconder, a polícia... eles não podem saber que sou eu. Meus pais vão surtar, a Agência de Segurança Nacional vai grampear a nossa mesquita [...]” (Ms Marvel – Nada Normal, 2015, p.77). Dentre todos os medos em ser descoberta, o que imediatamente se destaca — logo após o receio normal de uma adolescente em ser descoberta pelos pais — é a preocupação em sofrer xenofobia ao invés de reconhecimento. Por ser uma muçulmana com poderes, seria facilmente identificada como uma ameaça pelas forças policiais e não como uma heroína e isso acarretaria uma ação intensiva de buscas, escutas e violência justificada apenas por quem ela é pela sociedade. Até esse momento na história, Kamala usava seus poderes de metamorfose para transformar seu corpo em uma mulher branca, loira e esbelta, muito semelhante a Carol Danvers, antiga Ms Marvel, para poder se esconder – inclusive sendo essa a forma que ela usava para aparecer em público como heroína. A tensão entre visibilidade e ocultação que a narrativa apresenta podem ser lidas como diálogos subentendidos sobre aceitação social e conflitos com a própria identidade, comuns não somente para adolescentes em geral, mas principalmente na comunidade que nos interessa: os jovens muçulmanos.

Do corpo monstruoso ao uniforme de heroína

O processo de Kamala perpassa fases lúdicas da história em que a dificuldade de aceitação se torna clara. Essa dificuldade diz respeito às suas tradições, como, por exemplo, o que ela não pode comer, quando demonstra vontade de comer bacon sabendo que carne de porco é proibida pela sua religião; e, também, em relação aos seus traços físicos, como a pele mais escura, cabelos castanhos

e características paquistanesas. Essa dificuldade de aceitação da identidade ocupa um papel principal da história de origem.

Essa forma monstruosa que as identidades muçulmanas são vistas, e como esse sentimento faz parte da história da heroína, é uma forma de articulação do processo que a identidade cultural é afirmada perante identificações, diferenças, valores e significações culturais. Logo, o corpo não é apenas uma estrutura física de um organismo vivo, mas um conjunto de associações e entendimentos que são feitos pela sociedade e atrelados àquelas características.

Por isso o corpo monstruoso é sempre marcado pelo excesso, é um corpo ao qual sobra ou falta alguma coisa, sendo a falta ela mesma uma aberração e, portanto, um excesso.

A categoria do monstro permite criar identidades interculturais, que diferenciam os grupos sociais, e identidades intraculturais, que distinguem seres dentro de um mesmo grupo a partir de categorias de gênero ou natureza diferentes. (REGIS, 2003, p.24)

Durante o início de sua história de origem, Kamala Khan tem um embate em relação à várias deturpações sociais pelo qual o seu corpo passa: ela é muçulmana, adolescente e mulher. Várias monstruosidades corporificadas que podem ser interpretadas socialmente como perigosa, incompleta e frágil. Essas leituras são apresentadas de forma lúdica quando a personagem reclama com a família e amigos sobre as tradições muçulmanas que tem que seguir, quando briga com os pais buscando uma autonomia, que ainda não tem, para fazer o que gostaria, e quando está sempre comparando seu corpo com o da menina considerada a mais bonita e interessante da escola, uma menina loira, estadunidense e magra.

Dessa forma, dois momentos se destacam na narrativa: primeiro temos a ocultação, a negação da existência. Kamala, ao se sentir diferente e que não pertencia àquele local, e com a vontade de ter costumes que podem ser associados à “normalidade” do ocidente, viu em seu superpoder de metamorfose uma chance para negar completamente seu corpo. De uma menina com um corpo em desenvolvimento, de pele e cabelos escuros e olhos castanhos, ela se transforma em uma mulher branca, loira e esbelta, uma releitura de sua heroína preferida, a atual Capitã Marvel, antiga Miss Marvel (Figura 1).



Figura 1 – NO PRIMEIRO QUADRO: A VISÃO DE KAMALA QUANDO ELA RECEBE OS PODERES. NO SEGUNDO QUADRO: KAMALA AO DESENVOLVER SEUS PODERES, INCONSCIENTEMENTE TRANSFORMA SEU CORPO. EDIÇÕES 01 E 04. Fonte: MARVEL COMICS, 2014.

Esse momento de ocultação de identidade — não apenas como a proteção da real identidade, como é comum em histórias de heróis, mas a ocultação da essência de quem ela é — ocupa essa primeira etapa da história como uma solução para os problemas da adolescente. Se ela podia moldar seu corpo aos padrões sociais e estéticos que se espera de uma mulher digna de salvar o mundo, essa era sua chance se sentir completa. Porém, ao decorrer da narrativa ela percebe que não se sente melhor ou diferente por estar em outro corpo, além de exigir muita energia ficar nesse estado constante de metamorfose, que a deixava extremamente exausta. Kamala, até então, está tentando domar o monstro existente nela, buscando o que ela entende como perfeição como sendo a solução para seus problemas.

A partir do momento que ela percebe que negar sua identidade não está ajudando, chegamos no segundo momento importante da narrativa, no processo de visibilidade. É então que ela resolve utilizar características culturais que faziam parte de quem ela era, em seu uniforme de heroína. Ela escolhe um tênis e um *burkini*⁴, que em certo momento da história, dizia que nunca utilizaria por não ser considerado “normal” por seus amigos. Não sendo necessário gastar tanta energia transformando seu corpo inteiro, ela começa a adquirir novas habilidades, como esticar e aumentar seus braços e pernas fazendo com que ela possa aplicar mais força e tenha mais mobilidade nos espaços (Figura 2).

⁴ Tipo de traje de banho para mulheres que cobre o corpo inteiro exceto o rosto, as mãos e os pés para preservar os costumes islâmicos.



Figura 2 – NO PRIMEIRO QUADRO: PRIMEIRA APARIÇÃO DO UNIFORME OFICIAL DE MS MARVEL. NO SEGUNDO QUADRO: HABILIDADES DE MS MARVEL EM COMBATE. EDIÇÕES 01 E 04. Fonte: MARVEL COMICS, 2014.

O processo de acolhimento de sua cultura e costumes como algo visto com normalidade se encaixa com um ponto de virada na narrativa de Kamala. Ela agora consegue agir de forma efetiva em relação aos seus problemas de super-heroína iniciante, porém em uma análise mais atenta e profunda, a questão vai além. Esse encontro da Kamala com si mesma, processo que sempre adiou por muito tempo, se mostra quase que poético quando compreendemos que é uma mensagem de carinho das criadoras para seus fãs. Obviamente, a personagem ainda está envolvida em um universo de ação, descobertas, vilões e heróis, mas caminha por um discurso, quase que imperceptível, que sua aceitação como americana muçulmana é exatamente o que ela sempre precisou – pois, até então, compreendia como errado, anormal, profano, tal qual a sociedade ainda insiste em repetir ocasionalmente. Não foi necessária uma virada emocional na história, uma lição de moral, nada que pudesse ser visto como desinteressante aos leitores, mas ainda assim a mensagem se encontra presente de forma mais diluída. Demonstra, principalmente, aos jovens leitores muçulmanos que sua existência é seu poder, é o que os torna diferentes.

Somente após essa libertação da personagem, ela começa a trilhar sua narrativa própria, aprendendo mais sobre suas habilidades e sobre si mesma. Ao utilizar símbolos da cultura muçulmana como uniforme ela está (literalmente) vestindo sua identidade como destaque e domínio de sua essência, transformando o que era visto como monstruoso em um uniforme digno de uma super-heroína.

Considerações finais

Apesar da jornada de uma super-heroína de histórias em quadrinhos ser algo que remetemos imediatamente à ação e aventura, Kamala passa por questões muito reais. Envolta em camadas lúcidas como superpoderes, monstros, mutantes e vilões, o que caracteriza o medo da personagem é a forma com que ela é vista pelo ocidente. Um exemplo claro de como sua existência é desqualificada como algo “normal” foi quando o apresentador Stephen Colbert (LEHRER, 2013) disse em seu programa que a existência de uma personagem muçulmana como super heroína significava derrota de uma “guerra cultural” para os Estados Unidos, principalmente se fosse levado em conta que a antecessora a usar esse nome (Carol Danvers, como já comentado) era a “representação completa dos americanos: loira, com valores familiares e dois arredondados músculos peitorais (fazendo um claro gesto de seios com as mãos)” (MELO, 2018, p.66). Esse fato aconteceu quando a personagem foi anunciada, ou seja, antes mesmo da história em quadrinho ser lançada, quando apenas havia sido revelado que uma super-heroína muçulmana americana seria a próxima estreia da indústria. Seu corpo foi rejeitado antes mesmo que o primeiro traço fosse desenhado. Sua mera presença em uma franquia, ainda que lúdica, era considerada mais absurda do que a possibilidades de deuses nórdicos lutarem ao lado de mortais contra ameaças alienígenas. O medo de Kamala sobre a Agência Nacional de Segurança classificá-la como uma ameaça apenas por existir é justificável se pensarmos que apenas a existência dela como uma personagem fictícia já foi questionada como válida.

O embate de Kamala com o seu Outro monstruoso reflete principalmente como os jovens muçulmanos se veem quando vivem no ocidente, visto que uma de suas autoras, Sana Amanat, conta que passou sua adolescência sentindo que não se encaixava naquela realidade e com problemas de autoestima, vivendo um bairro predominantemente branco⁵, que rejeitava seus costumes e tradições. Se por muito tempo houve representações vilanescas dos muçulmanos, o que alimentava a aversão por esse corpo monstruoso, agora temos uma imagem muito positiva, em meio a um espaço tão rico na indústria de cultura pop como é o universo dos super-heróis.

A força de Kamala e seu sucesso passam por prêmios e indicações como ao *V Eisner Awards*⁶, *Hugo Award*⁷ (2016) de Melhor *Graphic Story*, vencer o *American Book Awards*⁸ (2019), e ter suas

⁵ “The Pakistani American Marvel editor who is trying to make comic books more diverse” Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/comic-riffs/wp/2016/06/17/the-pakistani-american-marvel-editor-who-is-trying-to-make-comic-books-more-diverse/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

⁶ Prêmio que distingue feitos nas Histórias em Quadrinhos, conhecido comumente como “o Oscar dos Quadrinhos”.

⁷ Prêmio entregue anualmente para os melhores trabalhos e realizações de fantasia ou ficção científica do ano anterior.

⁸ Prêmio literário americano que reconhece anualmente um conjunto de livros e pessoas por “realizações literárias notáveis”.

criadoras como ganhadoras de um *Joe Shuster Award*⁹ e um *Angoulême International Comics Festival*¹⁰ (2017) e ter sua primeira edição reimpressa seis vezes¹¹ (GRAVENA, 2015). Ao chegar nas plataformas audiovisuais, a personagem também se tornou um sucesso absoluto. A série, que leva o nome da protagonista e foi lançada em junho de 2022, conta com seis episódios que foram lançados semanalmente na plataforma de *streaming* Disney+. Logo em seu primeiro episódio, atingiu números impressionantes ao se tornar a série mais bem avaliada de todos os tempos do estúdio cinematográfico, com 98% de aprovação no *Rotten Tomatos*, um site estadunidense agregador de críticas de cinema e televisão que coleta opiniões de membros certificados e associações de críticos. A aprovação ultrapassou o primeiro lugar, antes pertencente ao filme *Pantera Negra*, ganhador de três Oscar das seis categorias às quais foi indicado em 2019 (EXAME, 2019).

Porém a amplitude de atuação de Kamala não está restrita a produções culturais populares como cinema e quadrinhos. Sua movimentação passa também por associações simbólicas pelo público em combate a islamofobia, como em 2015, quando sua imagem foi usada em uma intervenção urbana na cidade estadunidense de São Francisco em resposta a uma propaganda de extrema direita que pregava o fim dos muçulmanos como a solução para a paz. A propaganda foi reestruturada para dizer “liberdade de expressão não é justificativa para espalhar o ódio. Fim do ódio aos estados islâmicos” (Figura 3).

67



Figura 3 – A PROPAGANDA ANTI-ISLÃ E SUA INTERVENÇÃO COM A IMAGEM DE KAMALA KHAN. Fonte: NBC NEWS, 2015.

Kamala Khan pode ser a potência para se tornar uma nova representação do que é ser muçulmano e de como sua existência está longe de ser monstruosa como os vilões que ela combate. Sua nacionalidade ou religião não definem sua trajetória na história como não deveriam definir na

⁹ Prêmio concedido anualmente por realizações notáveis na criação de revistas em quadrinhos, histórias em quadrinhos, quadrinhos da web e varejistas e editores de quadrinhos.

¹⁰ Maior festival de quadrinhos da Europa realizado anualmente desde 1974 em Angolema, França.

¹¹ No mercado atual de histórias em quadrinhos, ter a segunda ou terceira reimpressão é considerado um enorme sucesso.

vida de vários jovens muçulmanos. Com inserções em jogos oficiais (UOL, 2020), a estreia de uma série (JOVEM NERD, 2021) e a sua participação no Universo Cinematográfico da Marvel (OMELETE, 2021), ela demonstra um grande potencial em ser a representação que a geração precisa para que esses corpos não sejam mais rejeitados, marcados ou inseridos em um contexto violento. A história permite mostrar ao mundo, sem medo, suas tradições, costumes, música, crenças, se tornando um espaço para que milhares de indivíduos possam olhar para si mesmos com orgulho, admiração e esperança através da representação de uma super-heroína muçulmana.

Referências

A FÃ que virou heroína: Kamala é a melhor personagem do jogo dos Vingadores. **Uol**, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/start/ultimas-noticias/2020/10/23/por-que-kamala-khan-e-a-melhor-personagem-do-jogo-dos-vingadores.htm>: Acesso em: 13 jan. 2022.

ATENTADOS de 11 de setembro: a tragédia que mudou os rumos do século 21. **BBC**, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55351015>. Acesso em: 03 jan. 2022.

ASSAULTS against Muslims in U.S. surpass 2001 level. **Pew Research Center**, 2021. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/11/15/assaults-against-muslims-in-u-s-surpass-2001-level/>. Acesso em: 12 dez. 2021.

AS VITÓRIAS históricas de "Pantera Negra" no Oscar. **Exame**, 2019. Disponível em: <https://exame.com/casual/as-vitorias-historicas-de-pantera-negra-no-oscar>. Acesso em: 16 jul. 2022.

CESARI, Jocelyne. Islamophobia in the West: "A Comparison Between Europe and the United States". In: ESPOSITO, John; KALIN, Ibrahim (Eds.). **Islamophobia: The Challenge of Pluralism in the 21st Century**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 21–46.

COHEN, Jeffrey Jerome. "A cultura dos monstros: sete teses". In: COHEN, Jeffrey Jerome (Org). **Pedagogia dos monstros**. Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 25-60.

COMIC Heroine Ms. Marvel Saves San Francisco From Anti-Islam Ads. **NBC News**, 2015. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/news/asian-america/comic-heroine-ms-marvel-saves-san-francisco-anti-islam-ads-n294751>. Acesso em: 13 jan. 2022.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1923.

FBI – Hate Crime Statistics. **FBI**, 2021. Disponível em: <https://ucr.fbi.gov/hate-crime/2019/resource-pages/hate-crime-statistics-act>. Acesso em: 12 dez. 2021.

GRAVENA, Leo. 9 motivos para Ms. Marvel ser o "novo Homem-Aranha"! **Legião dos Heróis**, 2015. Disponível em: <https://www.legiaodosherois.com.br/lista/9-motivos-pelos-quais-a-ms-marvel-pode-ser-o-novo-homem-aranha.html>. Acesso em: 20 dez. 2021.

JAWAD, Haifaa, Book reviews. **Islam and Christian–Muslim Relations**, Londres, v.3 n.21, p. 299-312, jul 2010. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09596410.2010.487685>. Acesso em: 13 jan. 2022.

KAMALA Khan usa seus poderes em teaser da série Ms. Marvel. **Jovem Nerd**, 2021. Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/ms-marvel-serie-novas-imagens/>. Acesso em: 14 jan. 2022.

LEHRER, Brian. Ms. Marvel’s Reboot. **The Colbert Report**, 2013. Disponível em: <http://www.cc.com/video-clips/rpoooya/the-colbert-report-ms--marvel-s-reboot>. Acesso em: 18 dez. 2021.

MELO, G. B. F. de. Kamala e o caminho da empatia para a aceitação da alteridade nos Comics. **Literartes**, [S. l.], v. 1, n. 8, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/137811>. Acesso em: 18 dez. 2021.

MENDELSKI, Bruno. **A islamofobia na França**: um estudo de caso (1996-2019). Tese (Doutorado em Relações Internacionais). Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

Oxford Dictionary of English. 2ed. Reino Unido: Oxford University Press, 2003.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2021.

REGIS, Fátima. Do corpo monstruoso ao mito do ciborgue: os processos de construção de identidade e diferença no Ocidente. **Contemporânea** (Título não-corrente), v. 1, n. 1, p. 22-38, 2003.

ROXO, Laís Coutinho. **GirlPower**: a Representação do Feminino nos Quadrinhos. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

THE Marvels | Criadora de Kamala Khan celebra anúncio do filme. **Omelete**, 2021. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/marvel-cinema/the-marvels-g-willow-wilson-criadora-kamala-khan-celebra-anuncio-filme-ms-marvel>: Acesso em: 14 jan. 2022.

submetido em: 21 fez. 2022 | aprovado em: 14 dez. 2022.